

A PSICOLOGIA

PADRE MISAEL GOMES

I. GENERALIDADES—Os fenômenos da natureza despertam a idea de causa. A competente investigação é apanágio do homem, para quem todo objeto oferece matéria de um conhecimento ou estudo. Kepler observou o movimento dos planetas e descobriu leis que o immortalizaram; Newton do fato tantas vezes presenciado pelos mortais, ver cair a maçã da árvore, tomou caminho que o conduziu ao descobrimento da gravitação universal, lançando diretrizes à Mecânica celeste; o movimento de uma lâmpada suspensa na catedral de Milão induziu Galileu a formular as leis do pêndulo e demonstrar o movimento da terra; Arquimedes vê no banho o volume de água deslocado pelo corpo, e daí deduziu a lei que formou a ciência da Hidrostática; o padre René-Just Hauy quebra um cristal e imediatamente estabelece as bases da Cristalografia.

II. TIPOS DE CIÊNCIAS — Desde 1771, Romé de L'Isle pressentiu a importância da simetria cristalina e descobriu a lei da constância nos ângulos dos cristais. Em 1783, Hauy fez a Cristalografia nascente dar um passo de gigante: partindo da noção de clivagem que descobrira, expôs o princípio da sua teoria célebre, segundo a qual todos os cristais são constituídos pela juxtaposição de pequenos paralelepípedos semelhantes; desta concepção foi que Hauy tirou as leis fundamentais da Cristalografia. Houve quem considerasse Lineu fundador desta ciência; porém Mallard reconheceu com toda a justiça: «A ciência cristalográfica foi assim criada toda inteira pelo gênio de Hauy, e seus sucessores não têm feito senão aperfeiçoar particularidades de sua obra. Nenhum outro ramo de conhecimentos humanos é, neste grau, a obra de um só homem.» Delafosse, discípulo de

Hauy, completou a teoria do mestre; Bravais fundou a teoria molecular dos cristais, e Mallard despreendeu-a do tecido matemático que a fazia inabordável à mor parte dos mineralogistas, expondo-a sob forma mais acessível, além do que completou e harmonizou com novos fatos de observação, reunidos por seus antecessores e por êle próprio.

Um dos discípulos, G. Friedel, retomou a elaboração de suas ideas e fê-las precisas sôbre vários pontos. Eis como a Cristalografia tornou-se ciência rigorosa. E' um paradigma. Destarte, agrupando estudos, foi que apareceu a Zoologia sôbre os animais, a Botânica sôbre vegetais, e sôbre os minerais a Mineralogia, de que se aproxima a Geologia, interessada na distribuição dos elementos disseminados pelas várias camadas do globo. Empenhar-se pela verdade, pela beleza, pelo bem, realizar a moral, a arte, a ciência, é para o homem uma necessidade tão imperiosa como satisfazer a sua fome e a sua sêde. Multiplicam-se as ciências pelos seus objetos; duas ordens de fatos constituem duas ciências diferentes.

III. INTERCÂMBIO—No próprio homem existem fatos que não se podem reduzir a fenômenos puramente fisiológicos, não estão sujeitos a nenhuma lei físico-química, e por conseguinte são matéria necessária de ciência distinta, a psicologia, estudo racional do princípio pensante nas suas operações, faculdades e natureza. A psicologia experimental e a fisiologia combinam suas luzes para explicarem os fenômenos da vida humana, dando a perceber um como intercâmbio secreto. O fisiologista encontrará muitas vezes na vida consciente, princípio de alterações orgânicas; também o psicólogo descobrirá na vida orgânica, razões ou motivos de fenômenos psicológicos. A fisiologia é ciência experimental no reino dos corpos organizados, enquanto a psicologia é ciência dos fenômenos conscientes; todo fenômeno psicológico tem luz própria, que o torna de máxima nitidez aos olhos da alma, é consciente; afirmar outra cousa redundaria numa contradição de termos, e daí notáveis consequências. As experimentações fisiológicas se realizam por meio de instrumentos materiais, de sorte que um mundo de fenômenos escapa à observação

direta; quasi nada sabemos da mecânica cerebral; para muita gente a fisiologia do corpo humano é assombro ou mistério. Muito diferente na ordem psicológica, cujo estudo demonstra por isso caráter de ciência especial. Jouffroy se applicou a determinar o método e caráter da psicologia, bem como a distingui-la da fisiologia. A primeira existiu desde remota antiguidade, se bem que o seu nome seja muito posterior: Goclênio de Marburg (1547-1628) publicou em 1590 um livro a que deu então o título de Psicologia. Mas o vocábulo parece só definitivamente adotado no século XVIII. Recomendada outrora por Sócrates a insistir no célebre preceito «conhece a tí mesmo», esboçada por Platão em alguns de seus DIÁLOGOS (sobretudo no de Alcebiades), por Aristóteles no *Tratado da alma*; abandonada na idade média, em que prevaleceu a Dialética; instaurada depois e estabelecida como base da filosofia por Descartes e sua escola, progrediu consideravelmente nestes últimos séculos, mercê dos trabalhos de Locke na Inglaterra, Hume, Th. Reid, Duglad-Stewart e Th. Brown na Escócia, Wolf e Kant na Alemanha, finalmente Condillac, Bonnet, Tracy e Mine de Biran, franceses, e de vários filósofos contemporâneos. Enganam-se não poucos modernistas com julgarem a psicologia tenha sido inventada por Descartes e aperfeiçoada por Reid. «Le Traité de l'âme a fondé la psychologie deux mille ans avant les Escossais.» (Barthelemy de Saint-Hilaire, *Psych. d'Arist., pref.*) Não só Aristóteles, porém os doutores da filosofia cristã, Agostinho, Alberto Magno, Boaventura e sobretudo S. Tomaz de Aquino, trataram do assunto com bastante profundidade. A. Comte não quis compreender a infinita variedade dêsse fundo esquivo, caprichoso, múltiplo, impalpável que é a natureza humana. A psicologia para êle é uma ciência sem objeto; a distinção dos fatos psicológicos e fisiológicos, a contemplação do espírito por sí mesmo, quimeras (E. Renan, *L'avenir de la science*).

IV. DIVISAO—Assentado o uso moderno de reservar o nome de psicologia ao estudo dos fenômenos que excedem a vida vegetativa, ciência acêrca do homem, soem dividi-la em duas partes: psicologia

experimental, que trata das faculdades ou potências da alma, por meio da experiência, podendo esta parte sub-dividir-se de acôrdo com a classificação das faculdades da alma: sensibilidade, inteligência e vontade; e psicologia *racional*, a perquirir, por meio do raciocínio, a natureza da substância a que pertencem os fenômenos ou operações da primeira: estuda a natureza íntima da alma. Contudo, parte alguma da psicologia pode ser só experimental ou só racional; devem adotar ambas o método analítico-sintético ou psicológico-racional. É o que corresponde à natureza do homem, dotado de sentidos e de razão. Deve-se conceder parte do conhecimento aos sentidos e parte à razão; começam os sentidos, para interferir depois a razão. Além disso, a maior parte das ciências exige a análise e a síntese. A análise precede à síntese: caminho do método empírico-racional. Toda ciência exige notícia dos seus princípios e ilação das conclusões. Os princípios conhecemos pela análise— a observação e abstração; as conclusões dos princípios, pela síntese. Desta maneira, se os princípios são supostos pelas conclusões, a análise deve preceder à síntese. O método empírico-racional, dos singulares e dos efeitos sobe aos universais e às causas e, dos universais e causas conhecidas, volta a investigar os fenômenos singulares, já com melhor compreensão.

V. ARGUMENTOS—1) O termo grego *psykè* corresponde mais ou menos ao que chamamos «alma»: substância simples, indivisível, cujas modificações, acidentes, são os «meus» estados psíquicos (Abbé Moreux, *Pour comprendre la Philosophie*). Segundo Renan, a alma não é senão o resultado dos órgãos humanos, ou, antes, «l'âme est le devenir individuel, comme Dieu est le devenir universel». «A alma, dizia de começo Littré, é o conjunto da sensibilidade encefálica». O italiano Sergi em sua obra *La psiche nei fenomeni della vita* traz como prólogo uma fábula, verdadeira declaração de amor à misteriosa psique, que o sábio não encontra em seu laboratório. Sim, não é nos mortos, nos vivos é que devemos procurá-la. Aproximai-vos de um grande artista prestes a lançar na tela ou no mármore as admiráveis concepções da sua fantasia; ide ao pé de um Kreisler,

Sarasate ou Max Rosen, quando desprende das cordas aquelas melodias suaves que parecem vir do céu e entram pelo coração. Tereis a alma nas refulgências do seu expressar. *La bellezza che io odo cantare negli intervalli dei miei ritmi è immortalmente mescolata alla sostanza della anima vostra.* «A beleza que eu ouço cantar—disse notável poeta contemporâneo (Gabriel D'Annunzio, *Discorso*)—nos intervallos dos meus ritmos está imortalmente identificada com a substância da vossa alma». Aproximai-vos do infeliz que sofre, vereis a alma na sua luta mais inter necida e comovente. Se não encontrardes nos outros, procurai-a em vós mesmos, concentraí-vos, baní as ilusões, interrogai-vos, que haveis de encontrá-la; porque, segundo Aristóteles, a alma é o fenómeno persistente da vida, princípio da vida, *entelechia* ou forma substancial do ser vivo; no homem a alma é o princípio radical de todos os fenómenos vitais. A consciência da nossa identidade é uma sólida prova contra os que a negam. Vós dizeis: «Eu sinto, eu penso, eu quero.» Há portanto em vós um *eu* que sente, pensa e quer. E quem diz isto? É a alma, e muitas vezes a despeito do corpo.

2) A alma pensa, julga, raciocina, brilha, ainda mesmo quando o corpo declina. Sófocles aos 90 anos compôs a sua melhor tragédia; Pascal, no leito de morte, encheu de admiração os que o circundavam pela profundeza de suas ideas; Malebranche com 80 anos surpreendia pela lucidez de sua mente; Humboldt em avançadíssima idade ditou o Cosmos; Racine, com a mão trêmula pela velhice, escreveu a última de suas obras primas; e Leão XIII, a maior parte de suas magistrais e imortais Encíclicas. «Tu não poderás nunca persuadir-me, diz Lacordaire, de que o gênio de Rafael e Miguel Ângelo não era mais do que um produto da matéria orgânica, e que o coração dos heróis mártires da pátria recebeu as suas pulsações dum mecanismo como o que produz as oscilações do pêndulo. Tu tornas impossível toda grandeza, toda virtude.»

3) Ao grande Sócrates, a quem o oráculo de Delfos proclamara o mais sábio dos homens, perguntou-lhe um sofista, no momento doloroso em que êle

bebia a cicuta, se a alma não podia dizer-se a síntese das forças corpóreas, como a harmonia resulta das vibrações da cítara. Sócrates o contradisse, com razões tão peremptórias, que, apesar dos séculos, nada perderam da sua força. Quem nos informou da cena imporecível foram os seus mais notáveis discípulos, Platão e Xenofonte.

4) Um sacerdote, De l'Epée, querendo belo dia dar conceito claro sobre o mesmo ponto aos seus pequenos surdo-mudos, bateu em um e fê-lo sair. O menino retirou-se desfeito em lágrimas. Chama outro, dá-lhe uma carta e fá-lo sair, igualmente, a soluçar. Mas corta neste ponto a questão por interrogar aos seus discípulos :—Porque chorou o primeiro?—Porque o maltratastes, responderam na sua linguagem especial.—E o outro? Ninguém soube responder.—O outro, diz o abade De l'Epée, o outro chorou porque também lhe batí, não no corpo, porém na alma. A carta anunciava-lhe a morte de sua mãe. Deste modo o insigne Mestre demonstrou aos seus discípulos a existência da alma, que compreende e sofre, mesmo que o corpo não seja torturado, nem de leve tocado. Ver a vida do espírito, aspirar o infinito por todos os poros, realizar o belo, atingir o perfeito, cada um segundo a própria virtude ou capacidade, é a cousa única necessária; tudo o mais é vaidade e aflição de espírito, declarou Renan em momento de feliz inspiração.

VI. A PSICOLOGIA COLETIVA—Temos a história do espírito humano geralmente feita de maneira muito individual. O homem é uma célula diferenciada; a sociedade um agregado de células, qualquer que seja a sua morfologia; os fenômenos da vida celular se irradiam e se complicam na massa social, cuja vida é multiplicação da vida individual. Observai os fenômenos individuais ou celulares e encontrareis a explicação, a raiz dos fenômenos sociais. Está aí porque afirmamos: não só existe a psicologia individual, também existe a das multidões. Acima dos indivíduos há a humanidade, que vive e evoluciona como todo ser orgânico, e que, como todo ser orgânico, tende ao perfeito, isto é, à plenitude do seu ser. Desde que a humanidade é concebida

como uma grande consciência que aparece e se desenvolve, há uma psicologia da humanidade, como há a psicologia do indivíduo. Aliás, o todo representa muito maior valor que a soma aritmética das frações que o integram. Alguns escritores se dedicaram especialmente à análise da alma das multidões, porém não lograram interessar como Sighele, Le Bon e Lazarus, o criador da psicologia dos povos, o qual chegou à conclusão: «O espírito triunfa da raça como da terra». Os povos não deixaram de ser sobretudo espirituais. Predomina a inteligência, o espírito. Mas os povos como os indivíduos se relacionam com o meio, que pode favorecer ou não ao desenvolvimento. Freud, Mac Dougal, Trotter, Ibsen, Essertier, Ebrard, Bordier, Joly, Despigne, Tarde, já conseguiram certa união de vistas sobre vários pontos no terreno psicológico. Incontestável que é uma fonte de luz a esclarecer múltiplos acontecimentos. «Os fenômenos do mundo visível, diz G. Le Bon, têm a sua causa inicial num mundo invisível, onde se gestam os sentimentos e as crenças, a cujos influxos estamos sujeitos em todos os atos da nossa vida.» Flammarion: «A exterioridade é enganosa, a realidade é o invisível.» Dissecar o corpo humano é destruir sua beleza; todavia, por essa dissecação, a ciência chega a reconhecer uma beleza de ordem muito superior e que a vista superficial não teria suspeitado. A beleza das cousas, resumimos com S. Agostinho, é visível, mas a razão por que são belas não se vê.

VII. PSICOLOGIA HISTÓRICA—Em todos os ramos da atividade humana, ainda há verdades em crisálida, ansiando por luz e vida. (A. Rebouças, *Civil. e Democr.*). A raciocinar destarte podemos concluir, no caso especial da Idade Média, como todo um período de energia psicológica,—a elaboração íntima da sociedade e da civilização moderna. Hoje por todos é admitido, qual axioma histórico superior a qualquer discussão, que a Idade Média não é um caos, uma época de maldição, não é a grande necrópole em que se dizia por tanto tempo permaneceram em infecundo letargo, quasi morte, os povos que mais tarde haviam de constituir as nações da moderna Europa. Os séculos, mesmo os mais escuros da his-

tória, não foram de todo estéreis e não passaram pelo mundo como a serpente pelo rochedo, sem deixar os seus vestígios. «A Idade Média trabalhava tanto quanto nós, produziu espíritos tão ativos, penetrantes, quanto os nossos; a Idade Média teve filósofos, sábios, poetas.» (A. Rebouças, *Obr. cit.*). Na Idade Média os árabes ensinaram aos europeus a álgebra, a aritmética generalizada, deduzida por eles; mediram e conheceram a extensão da terra; organizaram o catálogo e a nomenclatura das estrelas visíveis; determinaram a obliquidade da eclíptica, verificaram a precessão dos equinócios, fixaram a duração do ano solar, aperfeiçoaram os instrumentos de astronomia; constituíram a química e descobriram seus principais reagentes; aprofundaram e desenvolveram a dinâmica e a hidrostática; aplicaram as descobertas científicas ao melhoramento dos processos industriais, ao aperfeiçoamento da agricultura e das manufaturas. (Draper, *Les conflits de la science et de la religion*, cap. 40). Todo o drama da invasão árabe na península ibérica é campo fecundo para o sociólogo. Contar as lutas da cruz adversa ao crescente, as algaradas dos guerrilheiros asturianos e a sucessão das intrigas dos vários emires nas Espanhas, seria trabalho improficuo, insuportável a montanha de nomes e datas sem sentido, se não aproveitássemos o influxo psicológico daquele povo e o sociológico, os ensinamentos que encerraram os seus infinitos episódios. Guizot nega todos os fatos sejam materiais; sustenta que há fatos ocultos não menos verdadeiros que as batalhas, as guerras e os atos públicos dos governos. Ao lado dos fatos individuais, tendo cada um o seu próprio nome—diz êle—há outros de natureza geral, anônimos, dos quais é impossível afirmar que tenham ocorrido em tal ano, tal dia, impossível confiná-los dentro de limites exatos, precisos; porém são tão reais e verdadeiros como as batalhas e os atos públicos de que temos ouvido falar. O historiador, depois de preencher as lacunas dos documentos positivos, recorrendo com moderação e fundamento a hipóteses, de uso comum na vida e ciências sobretudo experimentais, onde até as falsas hipóteses têm contribuído, indiretamente, para o progresso, fomentando a análise e o estudo, —

deve buscar, já o dissemos, deve buscar os móveis ocultos dos acontecimentos, a psicologia do povo ou dos personagens. Foi assim que ilustres pensadores, como Michelet, Buckle, Ranke e outros, elaboraram o processo que fez da história base descritiva da Sociologia. Agrupam-se homens livres, conscientes, e a perfeição de uma cousa consiste em tudo o que ela deve e pode ser. A perfeição do indivíduo é que ele prossiga na sua existência social, na plenitude da sua existência, como ser eminentemente social.

VIII. FATORES PSICOLÓGICOS: A LIBERDADE...

—Hegel, na introdução de sua Filosofia, declara tema da história do mundo o progresso e avanço na consciência da liberdade. Sem o poder mental dos gregos, Sócrates, Platão, Aristóteles, provavelmente não teríamos aquelas profundas concepções filosóficas que ainda hoje os cérebros mais potentes nada mais fazem do que desenvolver. Já em Roma, a expansão crescente da plebe foi arrancando aos patricios os privilégios civis, políticos, e por fim os religiosos; a humanização sucessiva do direito, das prescrições draconianas das Doze Tábuas chega nos últimos tempos da república a antever o espírito da legislação justiniana, tendo sido aquela a fonte de todo direito público e particular: *fons omnis publici privatique juris* (Tito Lívio). O gradual alargamento do direito de cidade encontra em Júlio Cesar o precursor do edito dos Antoninos. Foi o direito romano o fundamento do nosso direito. Nos tempos modernos, tivemos a questão da escravatura, remanescente de erros passados. De princípio, apenas tese filosófica. «Que importa a metafísica de alguns ideólogos, dizia-se; continuar-se-á como dantes a comprar escravos e fazê-los trabalhar.» Mas a grandeza da idea abolicionista, depois de conquistar os espíritos e transformar a opinião, foi pouco a pouco ampliando o terreno. Ganhou Channing, que a envolveu nos esplendores da sua eloquência; Longfellow cantou-a em seus versos; por fim, um romance, «A casa do Tio Tom», fê-la dar a volta do Novo Mundo e do Antigo. A idea já se sazou, amadurecera para a prática e ação. A guerra civil, sem embargo, rebentou e durou anos; mas a idea fez-se robusta, mais forte do que

as baionetas caladas; tinha necessariamente de vencer. Abraão Lincoln assinava em 1863, em Washington, a lei da abolição, que libertou de uma vez quatro milhões de escravos. No Brasil, já foi por entre vivas e flôres que cantámos o hino da liberdade, em 1888. E' uma frisante demonstração da lei universal do progresso humano, desmentido solene ao cepticismo fatal e desconsolador que nos sucessos históricos não vê senão movimentos incoerentes, fortuitos, sem lei que os regule, nem princípio de consciência que os dirija, sem nenhuma psicologia.

E AS IDEAS—Para Niebuhr não há o inopinado e subitâneo nas instituições, que se formam e desenvolvem pela fôrça das circunstâncias, não pelas energias arbitrárias. O homem se agita e se move. A história é a narrativa dêsse contínuo e ininterrupto movimento, movimento dos seres conscientes. De fato, quasi todas as grandes conquistas modernas existiram em germe na antiguidade, como as desta se fundaram nas idades pré-históricas, podendo-se dizer que o novo é em sua maioria feito do velho. Todos os fatos da história preexistem na inteligência como leis; tôda ação é filha de um pensamento, estando o ato contido na idea como o fruto na flor, a vida no germe, o efeito na causa. «Les actes sont des pensées qui marchent et les pensées des actes qui se mettent en route.» As ideas governam o mundo. «As doutrinas, disse Rui (Rui Barbosa, *Problemas de Direito Internacional, Conf.*), precedem aos atos. Os fatos materiais emanam dos fatos morais. Os acontecimentos resultam da ambiência de erros ou verdades.» Mas estas se fazem luz ao atingir o concreto, o real, como a luz é obscura ao atravessar o vácuo e só esplende ao refletir algum objeto. A vida social pelas ideas governada, iluminada, não poderá nunca refugir às investigações da Psicologia, nem às revelações da História.
